

# Como recuperar a aprendizagem perdida na pandemia?

---



A educação está entre os segmentos que mais foram impactados pela pandemia da Covid-19, sendo essencial às instituições considerar diferentes métodos de ensino, infraestruturas e tecnologias que colaborem na recuperação da aprendizagem que deixou de ocorrer neste período, tanto por parte dos alunos individualmente, como pela sociedade.

Durante a pandemia da Covid-19 houve o fechamento de escolas por todo o mundo, impactando cerca de 1,5 bilhão de alunos – o que representa mais de 90% da população estudantil, segundo dados da **Unesco**.

Inicialmente é preciso entender que a defasagem de aprendizagem devido à pandemia tem diferentes implicações entre alunos, professores e gestores.

Dessa forma, esse e-book se propõe a explorar os seguintes temas:

- Introdução pela Dra. Betina von Staa;
- Aprendizagem perdida na pandemia: um novo desafio para a educação;
- Como recuperar a aprendizagem que deixou de ocorrer durante a pandemia;
- Como a tecnologia permite a implementação da Educação Baseada em Competências, que pode acelerar a aprendizagem;
- Qual o papel da tecnologia na recuperação da aprendizagem.

Boa leitura!



# INDEX

Introdução pela Dra. Betina von Staa .....	4
Aprendizagem perdida na pandemia: um novo desafio para a educação .....	7
Como recuperar o tempo perdido na pandemia.....	11
Como a tecnologia permite a implementação da Educação Baseada em Competências .....	12
Qual o papel da tecnologia na recuperação da aprendizagem .....	15



# É preciso mexer nas estruturas das escolas e universidades

Betina von Staa

O ensino tradicional está fundamentado em um modelo fabril que tem algumas formas muito rígidas de funcionamento. Tão rígidas e onipresentes, que até as escolas que experimentam metodologias de ensino mais inovadoras não conseguem se libertar.

Um dos princípios fundamentais dessas formas rígidas é a regra de 1 professor por sala de aula para um número X de alunos durante X minutos. As variações deste modelo envolvem aulas de 45 ou 50 minutos ou aulas duplas; a presença de um assistente, quando necessário, e o número de alunos, que pode variar entre 10 e 40 alunos na Educação Básica e até centenas no Ensino Superior.

Essa estrutura raríssimamente questionada remete a toda a estrutura de custo do sistema de ensino: para tornar uma instituição mais “eficiente” ou “lucrativa”, ou para oferecer mais “qualidade” (e poder cobrar mais pelo serviço), trabalha-se na proporção professor x aluno x tempo.

Não é à toa que parte considerável dos investimentos em educação a distância no ensino superior foram feitos visando uma redução da proporção professor x aluno, e da proporção aluno x tempo, que implica em uso de salas de aula, eletricidade, água, etc.

Em torno dessa estrutura, tão inerente à educação como livros e cadernos, vêm as discussões se os alunos da educação básica devem permanecer mais tempo na escola, no ensino integral, se deve haver lição de casa, e de que tipo.

No ensino superior também se conta com bastante estudo individual no tempo do aluno, mesmo que não seja contabilizado em horas-aula presenciais, e a educação a distância, que incorpora esse tempo de estudo individual na sua carga horária, também tende a esperar que uma turma aprenda o que está previsto para todos em um mesmo espaço de tempo.

Mesmo nos modernos modelos “carrossel”, em que o aluno ingressa no curso quando desejar, ele tem um tempo fixo para aprender algo e tirar o seu diploma.

Quem não conseguir estudar ou aprender nesse período, fica de recuperação – do primeiro ano do Ensino Fundamental, até a Pós-graduação! E se esgotar o período da recuperação, perde-se todo o investimento feito pelos alunos e pelas instituições naquela aprendizagem.

Essa estrutura, tão onipresente que até parece invisível, de tanto que é vista como sinônimo de educação, precisa ser repensada. E por quê, se sempre funcionou? Como? Se todos os prédios escolares e universitários foram construídos para abrigar esse sistema?



Porque no mundo de hoje, jovens e adultos precisam aprender muito mais sobre assuntos variados e de forma mais rápida e flexível.

A nossa unidade de medida de escolarização não pode mais ser tempo diante de um professor (ou lidando com um conteúdo), mas, sim, aprendizagem. A boa notícia é que a tecnologia pode ajudar a tornar essa tarefa mais viável e menos custosa.

Não é isso o que ocorre com as provas, diriam alguns? Elas não comprovam, ao final do tempo previsto, quem aprendeu e quem não aprendeu? Sim, exatamente. Elas só ocorrem ao final de um tempo previsto, o que atrasa os alunos que conseguem aprender mais rápido.

As provas também acabam aceitando quem passou com 70%, 60% ou mesmo 50% do desempenho esperado. Ou seja, nesse sistema basta aprender mais ou menos desde que isso ocorra no tempo previsto.

Essa é uma crítica antiga, que já vinha sendo feita ao sistema, sem provocar muitas mudanças estruturais. Afinal, é muito difícil mudar algo que parece sinônimo da própria palavra educação.

Ao mesmo tempo, o mundo já vem mostrando há algumas décadas que precisa de pessoas cada vez mais qualificadas, em áreas diferentes, com capacidade de aprender por toda a vida. E agora ainda estamos lidando com a pandemia, que está deixando tantos jovens para trás, mesmo que esteja havendo ensino remoto ou híbrido para alguns.

Se fizermos uma conta simples, veremos que não será possível recuperar a defasagem de aprendizagem (muito menos atender a demanda por mais aprendizagem diversificada) com o modelo de escola e universidade que conhecemos.

Como recuperar a carga horária de mais de um ano de ensino irregular em escolas convencionais? Os alunos vão ter tempo e atenção para permanecer por períodos mais longos na escola? Haverá professores e salários para esse aumento de carga horária? Ou será necessário colocar mais alunos com um professor? Haverá salas de aula suficientes? Haverá espaço o suficiente nas salas de aula para mais alunos? Qual é o custo disso?

E... os alunos certamente estarão desnivelados. Vamos deixar os alunos que tiveram a oportunidade e o privilégio de estudar e aprender durante a pandemia sentados ao lado dos demais cumprindo carga horária? Eles terão de aguardar seus colegas de série para poderem fazer suas provas? É pouco provável que façam isso sem causar problemas em sala de aula.

Serão dispensados da escola, ou das aulas extra, se já tiverem aprendido o que deviam? Isso seria uma pena, não é hora de ninguém parar de estudar e aprender. Então, o que fazer?

Imagino que tenha chegado o momento em que as escolas e universidades vão ter que flexibilizar suas ofertas, deixar alunos aprenderem no seu ritmo, oferecer mais oportunidades de aprender o que lhes interessa, mesmo que não seja igual para todo mundo.



A interação social nas escolas e universidades continuará sendo muito importante, e poderá ocorrer em trabalhos de grupo interdisciplinares, atividades esportivas, festas, grêmios, clubes de ciências, entre outros.

E como fazer isso? Há muitas possibilidades que envolvem o uso de tecnologia para resolver esses dilemas: professores podem ter carga horária presencial para cuidar das atividades de interação social, e cargas horárias de tutoria para acompanhar a aprendizagem individual dos alunos em diferentes plataformas digitais.

Com diagnósticos rápidos, os alunos podem ser agrupados por necessidade de aprendizagem com relação ao currículo obrigatório e por interesses no currículo optativo.

Com a facilidade de ofertar testes por meio de tecnologia, ou de comprovar aprendizagem com trabalhos, os alunos avançam quando comprovam domínio de um conteúdo, habilidade ou competência, e não quando o tempo passou. Quem quiser avançar mais rápido, avança; quem não puder, por algum motivo, avança devagar. E ninguém para.

Sim, já é possível rever a estrutura professor x aluno x hora em nome de mais aprendizagem para todos sem precisar pagar por tutores individuais caros demais para educar uma sociedade.

Vale a pena descobrir o quanto a tecnologia pode ajudar nesse sentido. Os alunos que precisam aprender e a sociedade que precisa de pessoas cada vez mais qualificadas vão agradecer!



Com doutorado em Linguística Aplicada, Dra. Betina von Staa é consultora para o desenvolvimento e promoção de inovação da educação. Trabalha com tecnologia educacional deste o ano 2000. Foi responsável pelo estabelecimento da D2L no Brasil entre 2011 e 2015. Atualmente, dedica-se à criação de produtos inovadores para o letramento digital, para a Educação Básica e o Ensino Superior, para editoras renomadas como Pearson, MacMillan e Santillana, entre outras. É coordenadora do CensoEAD.Br, da ABED, Associação Brasileira de Educação a Distância, é embaixadora da Comunidade Educação do Futuro e gestora de negócios B2B para a RoboGarden no Brasil.



# Aprendizagem perdida na pandemia: um novo desafio para a educação

A educação, seja no nível básico, corporativo ou superior, foi profundamente afetada pela pandemia da Covid-19 devido à implementação rápida do ensino remoto, sem a possibilidade de um período de transição ou adequação.

Apesar do ensino remoto ter permitido que muitas instituições e redes continuassem funcionando, e muitos alunos terem seguido com os seus estudos sem maiores interrupções, isso não ocorreu de forma homogênea e, em muitos casos, alunos e/ou instituições não conseguiram manter o nível de aprendizagem que costumavam ter.

Por sua vez, esse período desencadeou em muitas instituições uma perda significativa da aprendizagem, que está relacionada com o período que o aluno ficou sem estudar ou não recebeu todos os conteúdos e atenção necessários.

Uma das primeiras consequências desse cenário foi a evasão escolar. De acordo com um estudo do **Instituto Datafolha**, 4 milhões de estudantes, com idade entre 6 e 34 anos, abandonaram os estudos em 2020, o que significa uma taxa de evasão escolar de 8,4%.

Os índices são ainda mais preocupantes entre estudantes de baixa renda, uma vez que aqueles nas classes D e E apresentaram taxa de evasão de 54% no período.

Além disso, com a influência da pandemia na economia, observou-se o aumento de 30% na inadimplência no 1º semestre de 2020, de acordo com pesquisa da **Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação**.

A nova modalidade de ensino, com alunos e professores em casa, enfrentou desafios adicionais como acesso aos dispositivos tecnológicos, qualidade da conexão, tempo de dedicação às atividades educacionais, concentração e adaptação.

A essas dificuldades somam-se ainda a questões emocionais, pois a pandemia demandou isolamento social e uma transformação da dinâmica familiar, e de interação social, que afetou muitas pessoas e famílias profundamente.

Com isso, professores e alunos viram-se em uma delicada situação de adaptar-se ao novo cenário tendo que lidar com preocupações quanto à saúde física e emocional.

Para se ter uma ideia, segundo dados do **Datafolha**, 64% dos pais ou responsáveis disseram que os estudantes estão ansiosos, 45% afirmaram que eles apresentam graus de irritabilidade e 37% declararam que esses matriculados estão mais tristes.



Esse contexto dificulta a retomada para recuperar o tempo de aprendizagem perdido, demandando esforços de governos, instituições educacionais, gestores, professores, alunos e familiares.

Por outro lado, a superação desses problemas é fundamental para evitar maiores consequências a longo prazo no âmbito individual e coletivo, como a precarização do emprego, o enfraquecimento da economia e a redução das oportunidades para superação das diferenças sociais.

Atualmente, o mercado de trabalho no Brasil já carece de profissionais qualificados em diferentes áreas, resultando em gargalos que podem ser agravados devido ao despreparo e falta de alinhamento das novas gerações às exigências das empresas.

Pensando nisso, existem diferentes consequências de não investir na recuperação do tempo perdido no ensino em decorrência da pandemia, como:

### **Desníveis das turmas**

De acordo com um **relatório do Banco Mundial e divulgado pelo G1**, 71% dos alunos na América Latina podem não aprender a ler por conta do fechamento das escolas.

Isso porque durante as atividades educacionais no decorrer da pandemia, muito do avanço dos estudantes dependeu de uma conjunção de fatores favoráveis particulares, como infraestrutura com computador, local apropriado para estudo e tempo para dedicação.

Com isso, houve um desnivelamento das turmas, tornando mais difícil para os discentes acompanharem os estudantes individualmente e conhecerem suas competências e fragilidades em uma disciplina.

Outra **pesquisa do Datafolha** nos revelou também certo receio dos próprios alunos, visto que, em um possível retorno às aulas presenciais, 49% dos estudantes temem não conseguir acompanhar as atividades e 43% estão preocupados em não acompanhar o ritmo das aulas.

Essa dificuldade não atingiu apenas a educação básica, mas também o ensino superior. De acordo com **dados do MEC**, no primeiro semestre de 2020, 89,4% das universidades federais estavam com as aulas suspensas.

Já de acordo com a **Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES)**, 22% das instituições privadas pausaram as atividades acadêmicas durante esse período.

Essas pesquisas nos revelam um cenário bem delicado em termos de nivelamento das turmas na educação superior, que pode ser ainda mais grave quando levamos em consideração as consequências financeiras da crise e os impactos emocionais em decorrência ao isolamento social.





### **Aumento da desigualdade**

O Brasil tem desafios estruturais no que se refere à educação. No relatório do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes da OCDE (PISA) o país aparece em 57º de 79 nações.

Além disso, segundo o Relatório de Monitoramento Global da Educação, feito pela Unesco, menos de 10% das 209 nações avaliadas possuem leis que fortalecem a inclusão plena na educação.

Esse déficit do ensino básico também influencia os indicadores dos níveis superiores, especialmente em um cenário de 850 mil alunos deixando de cursar a graduação, segundo dados do Semesp.

Tais números vão se refletir no mercado de trabalho, o qual tem os jovens de baixa renda como mais afetados pelo desemprego.

Portanto, retrocessos no acesso e continuidade no ensino superior são gravíssimos ao Brasil, tanto no sentido educacional, mas também de superação das desigualdades e aumento da renda.

### **Formação de profissionais despreparados para o mercado de trabalho**

A falta de preparo dentro das empresas já é uma dificuldade latente. Segundo a Deloitte, 70% dos gestores consideram as lacunas de habilidades como um de seus principais desafios.

Com o cenário atual das universidades, caso o tempo perdido em termos de aprendizagem não seja recuperado, a tendência é que cada vez mais profissionais despreparados cheguem ao mercado de trabalho, exigindo das organizações mais iniciativas relacionadas à educação corporativa.

No entanto, essa questão também é desafiadora, visto que muitas empresas, principalmente durante a pandemia, tiveram dificuldades de colocar em prática programas de aprendizagem e aperfeiçoamento, de forma que contam mais com as qualificações provenientes da formação acadêmica.

A expectativa é que haja uma recuperação gradual desse cenário, no entanto, as empresas vão contar mais com a formação inicial e experiência prévia dos seus contratados.

### **Déficits no setor educacional**

Os impactos no setor educacional são grandes. As estimativas mais otimistas dizem que o Brasil pode levar 3 anos para recuperar o déficit no processo educativo, segundo divulgado na Rádio Brasil Atual.

Porém, o cenário pode ser ainda mais desafiador. Dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo nos revelam que os alunos do ensino básico podem levar de 1 a 11 anos para recuperar a aprendizagem de disciplinas essenciais como português e matemática.



Ainda de acordo com essa pesquisa, para chegar ao mesmo patamar de 2019, os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental precisariam estudar 11 vezes mais do que aprendem em um ano, enquanto os dos últimos anos teriam que aprender 3 vezes mais.

Para minimizar esse cenário, a pandemia da Covid-19 revelou desafios do setor educacional relacionados à atualização das práticas de ensino e associação das metodologias com as demandas de mercado e da sociedade informacional.

Três temas estratégicos se destacam:

**Equidade educacional:** quando falamos sobre o ensino básico, é preciso promover aos alunos condições para estudarem e isso apenas é possível por meio da criação de políticas públicas que valorizem a equidade educacional. É necessário garantir não apenas que todos os estudantes tenham acesso aos meios digitais, mas também desenvolver um processo de aprendizagem mais igualitário, justo e acessível. Para tal, deve existir uma união dos governos federais, estaduais e municipais, assim como iniciativas privadas;

**Universidade do futuro:** trata-se de uma estratégia que visa adequar o processo de ensino superior às novas demandas, assim como aos novos perfis de estudantes que chegam nas universidades. Na prática, consiste em proporcionar uma jornada de aprendizado mais personalizada aos alunos, de acordo com as competências pessoais, diminuindo o gap entre o que se aprende na graduação e as exigências demandadas pelo mercado de trabalho;

**Tecnologia educacional:** usar ferramentas tecnológicas para intermediar o processo de aprendizagem, como elencando habilidades individuais, oferecendo mentorias, acompanhando a evolução do aluno, facilitando a gestão das atividades e das avaliações, promovendo a personalização da experiência de aprendizado e viabilizando o ensino remoto e ensino híbrido.

Dessa forma, acelerar as iniciativas de equidade e valorizar a universidade do futuro com a inclusão de tecnologias educacionais é uma oportunidade para que instituições possam explorar, de forma mais acertada, os novos potenciais do processo de ensino permeados pela personalização e soluções digitais, resolvendo os déficits educacionais e minimizando as desigualdades.



# Como recuperar o tempo perdido na pandemia?

Considerando os desafios relacionados à educação durante a pandemia da Covid-19 e a necessidade de recuperar o tempo perdido, gestores de instituições de ensino deveriam considerar a adoção de novas metodologias de ensino focadas na personalização.

A Educação Baseada em Competências (EBC) consiste em um método de aprendizagem que é customizável às necessidades dos alunos, de forma que o conhecimento é valorizado em detrimento do tempo de aula.

Nesse modelo, o tempo é variável de acordo com as competências individuais de maneira que o estudante retenha o conteúdo no seu próprio ritmo.

Dessa forma, a evolução do aluno não é mensurada a partir do tempo de aprendizado, mas considerando o domínio das habilidades requeridas e os resultados.

Além disso, o progresso é acompanhado de forma individual e não como no modelo tradicional, no qual uma prova é aplicada após o mesmo tempo de ensino para todos e com o mesmo conteúdo.

Com isso, a Educação Baseada em Competências garante personalização ao processo de aprendizagem, o que é fundamental diante da necessidade de retomada das atividades educacionais com um aproveitamento superior após o período de atraso e estagnação para muitos.

Na prática, trata-se de uma proposta que visa valorizar a evolução, aprimoramento e qualificação constantes para formação individual.

Também deve ser ressaltado que, com a chegada da **Lei nº 13.415/2017** do Novo Ensino Médio, que torna a formação mais flexível, voltada às competências e estimulando a autonomia do estudante, as instituições vão naturalmente começar a buscar currículos e formas de ensino e aprendizagem mais flexíveis, focadas nos interesses dos alunos.

Dessa forma, o ensino superior também vai começar a receber alunos cada vez mais interessados em modelos flexíveis de aprendizagem, que permitem explorar suas competências e habilidades mais alinhadamente com os próprios objetivos profissionais e acadêmicos.

Com isso, a retenção desses alunos, mas também a motivação e engajamento dependerão da facilidade das instituições de ensino superior de promoverem uma jornada de aprendizado estimulante e personalizada para cada situação.

Isso não significa, de forma alguma, que as tecnologias digitais ou metodologias vão substituir os professores. Muito pelo contrário. Os docentes terão cada vez mais liberdade de atuar em um processo de ensino mais transparente, inovador e flexível em sua jornada.

Além disso, essas iniciativas visam empoderar esses profissionais, facilitando o cotidiano na elaboração e gestão de conteúdos, valorizando ainda mais a relação dos professores com e seus alunos.

# Por que a Educação Baseada em Competências pode ajudar as instituições de ensino a recuperarem o tempo perdido?

A adesão à Educação Baseada em Competências é uma realidade cada vez mais próxima às instituições de ensino superior e pode, efetivamente, colaborar na recuperação do tempo de aprendizagem perdido durante a pandemia de maneira rápida e eficiente.

## **O aluno aprende no seu tempo**

Os impactos da pandemia geraram problemas novos e complexos no processo educacional. Portanto, para lidar com esses desafios, é preciso recorrer a soluções também complexas.

Por meio da Educação Baseada em Competências, o tempo de aprendizado é personalizado às possibilidades individuais do estudante e essa flexibilidade torna possível recuperar em pouco tempo o conteúdo perdido após mais de um ano de pandemia ou por qualquer outro motivo que tenha levado um aluno a aprender menos do que poderia em um determinado período de tempo.

O método é um aliado na promoção da equidade educacional no ensino básico e superior, colaborando com o enfrentamento das desigualdades de acesso à educação.



Somando uma metodologia de ensino integrativa e resiliente com as facilidades da infraestrutura tecnológica, o aluno tem ao seu dispor mais incentivos e motivação para dedicar-se aos estudos.

No ensino superior, a Educação Baseada em Competências colabora com a retenção dos alunos e motivação, pois o conteúdo é atrelado às demandas do mercado de trabalho e ao aumento das oportunidades de vida do estudante.

Dessa forma, desenvolve-se um senso de propósito no aprendizado de maneira que o estudo não seja visto apenas como um fim, mas um meio para os alunos atingirem seus objetivos, tanto pessoais quanto profissionais.

### **Acelera o processo de aprendizagem**

A Educação Baseada em Competências é um método de aprendizagem que se adequa às possibilidades e particularidades do aluno, não sendo medido pelo tempo, mas sim pela compreensão do conteúdo e desenvolvimento de habilidades e competências, o que é variável para cada estudante.

Dessa forma, por personalizar o processo de aprendizagem, o Ensino Baseado em Competências deixa o aluno mais motivado a seguir o seu ritmo, valorizando a própria dedicação como o diferencial para aprender.

### **Pode ser aplicada em qualquer modalidade de ensino**

A Educação Baseada em Competências pode ser aplicada em qualquer modalidade de ensino, como metodologia híbrida, ensino a distância e presencial.

No caso do ensino híbrido e a distância, o sucesso dependerá também da inclusão tecnológica, que colabora no processo de aprendizagem.

O principal é que as atividades sejam desenvolvidas de forma que possam aprimorar as competências dos estudantes a partir do fluxo personalizado de ensino.

Além disso, a Educação Baseada em Competências é possível em todos os níveis educacionais.

No ensino superior, por exemplo, as atividades podem prezar mais a autonomia no estudante, enquanto na educação básica é possível desenvolvê-la em paralelo às atividades propostas para a turma inteira.

Inclusive, é possível implementar o Ensino Baseado em Competências nas iniciativas de formação profissional dentro das empresas, valorizando o desenvolvimento individual dos colaboradores.

### **Promove um ensino flexível**

Uma das principais características da Educação Baseada em Competências é valorizar a flexibilidade no processo de aprendizagem, de forma que o estudante tenha autonomia no que aprender e no tempo disponível para dedicação aos estudos.

Essa flexibilidade é importante para embutir valores no próprio processo de aprendizagem, com o estudante identificando a importância do planejamento, da organização e da autonomia.

Além disso, a maleabilidade é um aspecto essencial para motivar o aprendizado, uma vez que o conteúdo é mais atrelado aos interesses individuais e, portanto, mais alinhados às aptidões e objetivos do estudante.

### **Alinhamento às necessidades do mercado**

Como visto, a falta de qualificação da mão de obra no mercado de trabalho brasileiro é um aspecto crítico à geração de renda, superação das desigualdades sociais e aumento salarial.

Nesse sentido, existem duas importantes oportunidades a partir da Educação Baseada em Competências: a transformação do aprendizado no ensino superior atrelando-o às necessidades do futuro do trabalho e formando jovens mais qualificados.

Como citado, há ainda possibilidades na educação corporativa, de forma que empresas possam desenvolver programas de aperfeiçoamento mais eficazes, unindo dois eixos estratégicos:

- **Aprendizagem adaptativa:** trata-se do uso de tecnologias educacionais para melhorar o processo de aprendizagem individual, identificando as maiores facilidades e os desafios de cada profissional;
- **Aprendizagem baseada em projetos:** trata-se de um processo de aprendizado que se desenvolve conjuntamente com um projeto, de forma que os profissionais precisam encarar diferentes desafios de médio ou longo prazo para alcançar o resultado desejado.

Um exemplo de aprendizado baseado em projetos é apresentar à equipe um problema atrelado à própria corporação para que haja a definição de hipóteses e pesquisa para buscar a resposta mais satisfatória.

### **Promove personalização do ensino**

Por meio da Educação Baseada em Competências, o discente consegue personalizar o processo de aprendizagem com base nas necessidades do estudante e também nas competências que ele precisa desenvolver.

A personalização estimula e motiva o aluno que vê mais valor no conteúdo e também permite que os professores façam um acompanhamento mais direcionado, identificando as dificuldades e qualidades de cada estudante.

**O ensino personalizado é uma tendência do novo cenário educacional que você pode conhecer mais com o e-book: Personalização e tecnologia: adeque sua IES ao novo cenário educacional**

# Como a tecnologia permite a implementação da Educação Baseada em Competências?

---

Um dos desafios da Educação Baseada em Competências é a necessidade de tecnologia, principalmente com a continuidade do ensino híbrido e a distância, que vai ser uma tendência, mesmo após a pandemia.

A adoção de uma plataforma centralizada e integrada, como Brightspace, é essencial para implementação da Educação Baseada em Competências com mais assertividade e clareza.

A Brightspace Core agrega diferentes funcionalidades que contribuem no acompanhamento de coordenadores educacionais, facilita as atividades docentes e estimula o estudante. Entre os benefícios destacam-se:

**Mobilidade:** a plataforma está disponível em diferentes dispositivos garantindo a flexibilidade no acesso e também uma experiência de navegação mais intuitiva e satisfatória;

**Engajamento:** os alunos têm ferramentas como o portfólio para compartilhar suas atividades em tempo real, além de conteúdos em diferentes mídias, como texto, vídeo, conferências, áudio e outros;

**Personalização:** recursos específicos para que docentes acompanhem a evolução dos alunos e direcionem conteúdos e atividades personalizados à experiência de cada um, garantindo feedbacks mais ricos e instrutivos;

**Indicadores de desempenho:** relatórios com estatísticas do desempenho dos alunos que colaboram para decisões orientadas por dados.

A escolha da ferramenta é determinante para que o Ensino Baseado em Competências possa ser de fato personalizado e ter um engajamento dos docentes e discentes.

## Sobre a D2L

---

A D2L (Desire2Learn) foi fundada em 1999 por John Baker. Naquela época, sua turma de engenharia estava sendo desafiada a olhar o mundo de novas maneiras, fazendo perguntas que ninguém havia feito antes.

John percebeu que, apesar de toda a transformação que a tecnologia estava fazendo no mundo, seu campus universitário parecia quase intocado por estas mudanças. A pergunta que ele queria fazer era clara: como poderíamos usar a tecnologia para transformar drasticamente o aprendizado?

Ele passou a acreditar que uma das coisas mais importantes que podemos fazer para ajudar uns aos outros é garantir que todos tenham acesso às melhores oportunidades de aprendizagem possíveis.

Hoje, a D2L está trabalhando com clientes em todo o mundo para ajudar os alunos em uma escala que era difícil de imaginar em 1999.

Quer saber mais? **Acesse agora mesmo** e conheça todas as possibilidades que a D2L oferece por meio da Plataforma Brightspace!

### Entre em Contato

Fone: 0-800-891-4507

Fax: 1-519-772-0324

Email: [comercial@D2L.com](mailto:comercial@D2L.com)

Facebook: [facebook.com/D2Lbrasil](https://facebook.com/D2Lbrasil)

Twitter: [@D2LBrasil](https://twitter.com/D2LBrasil)

Web: [D2L.com](https://D2L.com)